

Concurso de Escrita Criativa
Nome: Otchali Hebo
Escritor, colunista e investigador cultural
Idade: 19
Tel: 939 835 951

Uma viagem de Esperança

Eu era um dos contratados perdidos na floresta do Maiombe, com aquelas pesadas cargas caminhando pelos prados e campinas verdejantes, sofrimento era o nosso companheiro da fileira nas tardes e noites «não diria mal dormidas porque nem tempo para tampar os olhos tínhamos» contávamos as estrelas e soletrávamo-las como letras todas as madrugadas, até as estrelas sentiam pena de nós que fadigados cantávamos a noite inteira, mas, Yellen, o parasita que nos acompanhava em seu cavalo, batia-nos fortemente as costas toda vez que saíamos da fileira -era mesmo um covarde- mas ele também não era culpado, foi apenas um forasteiro lusitano enviado cá com a profícua pretensão de acabar com as nossas infinitas esperanças, aquele homem bárbaro parecia não ser um humano pela forma como nos batia. Nós percorríamos longas distâncias sem saber para aonde íamos, ninguém poderia aventurar-se a perguntar. Aquele homem batia-nos toda vez que olhávamos para ele.

Andamos não sei quantos quilômetros descalços e com os corpos quase desnudos, o frio rachava-nos os lábios e os talonários pareciam pneus furados de um carro. Naquele caminho do mato, a uns cem metros avistava-se a fita do rio lucala deslizando por entre a vegetação, assustamos, já estávamos em Malanje-Calandula era a banda. Paramos extasiados em face ao espetáculo do caudal de puras águas cristalinas. O sol incidia nas águas deslizantes, fazendo brilhar milhares de pedrinhas como diamantes, eram as quedas de calandula maravilhando nossos olhos. Yellen apressava-nos com aquela grossaria de sempre a continuar a viagem.

- Havemos de voltar, era o único aroma de esperança no coração e na alma da gente.

Matuidi era um companheiro que me dava forças quando pensasse desistir das opressões de Yellen. Ele sabia a gravidade que daria a minha desistência.

- Coragem companheiro, não desista agora que já aguentou bastante, antes de você sorrir tem de chorar. Tudo que você sonha é ser livre, mas será difícil se estiver sozinho.

Algum dia vamos nos levantar fortes e destemidos. O fim angolano poderá sorrir! (*Este era o conselho de Matuidi*)

E mais à frente, lembro-me, esta era uma linda aurora que enquanto caminhávamos semimortos chega-nos aos ouvidos um som cavo. Não é bem um fragor: É um canto de esperança. Um sinfónico cântico, eram angélicas vozes que nos suscitaram uma tremenda curiosidade, não nos poderia passar, até mesmo Yellen desta vez ficou curioso. Vem de longe, como que puxado, arrastado. Não quer chegar.

Não suportamos aquela ansiedade que causamos uma cambalhada, subimos às pressas as pedras de Pungo Andongo e contemplamos a uma vista distanciada. Eram os meninos do Huambo sentados a volta da fogueira cantando a poesia de Manuel Rui:

Os meninos à volta da fogueira

Vão aprender coisas de sonho e de verdade

Vão aprender como se ganha uma bandeira

Vão saber o que custou a liberdade.

Ao compreender a mensagem que trazia aquele canto, Yellen irritou-se e ordenou que os seus jagunços partissem em cima de nós, o pior da dor é que um dia você aprende a viver com ela, é certo que “o burro um dia fica esperto”.

Neste dia parecem se concretizar as palavras de Matuidi, aquele rapaz parecia ser um profeta, de princípio não intendia nada, parecia que foi implantada aí uma anarquia, era impossível acreditar, todo mundo pegava em paus, enxadas e varapaus, lutamos contra o burguês do Yellen e seu exército. Consumaram-se os quinhentos anos de opressão e exploração. Acabamos com a diplomacia sem amor do lusitano que nos explorava como animais. Uns fugiram e outros ficaram mesmo no terreno. A vermelhidão do sangue se estendeu em torno daquele lugar, muita gente morta, mas, a alegria de termos vencido era maior. Quantas belezas deixadas nos cantos da vida que ninguém quer e nem mesmo procura encontrar. E quantos sonhos se tornam esperanças perdidas que alguém deixou sem mesmo ter....

É nesta terra onde aprendi a angolar, pelos caminhos sinuosos do mato. Quem diria! Um contratado a governar este povo sofrido e contente a dançar de alegria nas festas. Lá vamos nós, rumo a um futuro com olhares de esperança.